

- XX -

PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DE JOVENS GOIANOS SOBRE O ENSINO MÉDIO

Marcilene Pelegrine Gomes/UFG-Goiás
pelegrine10@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

No atual contexto educacional brasileiro, o debate em torno da reforma do ensino médio ganhou centralidade no campo das políticas educacionais para educação básica suscitando críticas, consensos, divergências e disputas de concepções e de projetos. Os defensores da reforma, instituída no governo Temer (2016-2018) por meio da Lei n. 13.415 de fevereiro de 2017, acreditam que as mudanças propostas para o ensino médio garantirão qualidade, aproximação entre formação escolar e mercado de trabalho, bem como o protagonismo do jovem na definição do seu itinerário formativo⁷. Os críticos da reforma, por sua vez, afirmam que as mudanças propostas além de não resolverem os problemas estruturais do ensino médio (acesso e permanência; altas taxas de evasão e reprovação; baixa qualidade; ausência de professores, desvalorização do trabalho docente e baixos salários; escolas sucateadas e precarização dos recursos didático pedagógicos, etc) não assegurará a qualidade e o tão anunciado “protagonismo juvenil” na definição do seu projeto formativo (FRIGOTTO, 2017; FERRETI, 2018; FERRETI, SILVA, 2017; GOMES, 2018).

Nesse contexto, é importante dar vozes aos estudantes para quem se destinam as políticas de reformulação do ensino médio, buscando compreender quem são esses sujeitos, o que percebem e o que esperam da escola e do ensino médio. Partindo desta perspectiva,

⁷ A Reforma do Ensino Médio, instituída pelo governo federal por meio da Lei n. 13.415 de fevereiro de 2017, tem como principais pontos a ampliação da jornada escolar em escolas de tempo integral e a flexibilização do currículo por de cinco itinerários formativos: Linguagens; Matemática; Ciências da natureza; Ciências humanas; Formação técnica e profissional. (BRASIL, 2017).

neste estudo, ainda preliminar⁸, procurou-se apresentar e analisar algumas percepções e expectativas de adolescentes e jovens (14 a 18 anos) da região metropolitana de Goiânia (Goiânia, Aparecida de Goiânia, Trindade e Abadia de Goiás) acerca do ensino médio. O estudo está fundamentado em dados de pesquisa empírica, apreendidos por meio de um questionário com questões objetivas e dissertativas, e estudos bibliográficos sobre juventude, escola e ensino médio (KRAWCZYK, 2014; SPOSITO, SOUZA, 2014; WELLER, 2015). Na exposição buscou-se responder a seguinte indagação: o que as percepções e as expectativas dos estudantes nos informam sobre a escola, o ensino médio e seus projetos de futuro?

PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DOS JOVENS GOIANOS SOBRE O ENSINO MÉDIO: QUEM SÃO? O QUE PERCEBEM? O QUE PROJETAM?

De acordo com Sposito e Souza (2014), o ensino médio brasileiro, mesmo com as diferentes reformas implementadas ao longo das últimas três décadas, ainda exibe um “aparente” desencontro entre os interesses e expectativas dos jovens para quem essa política pública foi/é pensada. O Estado brasileiro, pós-ditadura de 1964, movido pelo clima de redemocratização do país e de defesa dos direitos sociais, assumiu a responsabilidade de implementar políticas que assegurassem a universalização, a obrigatoriedade e gratuidade do ensino médio. Assim, em âmbito nacional, ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010, foi implementado um conjunto de políticas (programas, projetos, ações) que visavam/visam ampliar e garantir o acesso, a permanência e a qualidade da aprendizagem nesta etapa da educação básica. Essas políticas, com menor ou maior intensidade, acabaram incidindo diretamente no currículo, na gestão e organização da escola e, portanto, nas trajetórias escolares dos estudantes desta etapa da educação básica (FERRETI, 2018).

Para apreender a relação deste contexto macro com a realidade percebida e vivida por jovens da região metropolitana de Goiânia, no período de outubro a dezembro de 2018, foram aplicados 150 questionários (questões abertas e dissertativas) para adolescentes do 9º ano do ensino fundamental e para jovens do primeiro ano do ensino médio de escolas públicas e privadas. As questões versavam sobre: a) *O perfil socioeconômico dos estudantes* (idade; sexo; renda familiar, bairro, natureza da escola que frequenta - pública, privada, conveniada, militar, confessional, etc – relação com o mercado de trabalho); b) *As percepções dos sujeitos sobre*

⁸ Este estudo é resultado da pesquisa em andamento *A Reforma do Ensino Médio: entre o prescrito e o vivido nas escolas públicas de Goiânia* (2018-2020).

a escola (o que gostam e o que mudariam); c) *As expectativas em torno do ensino médio* (o que esperam do ensino médio e o que mudariam). Do universo dos 150 questionários 131 foram entregues e tabulados.

No que se refere ao perfil socioeconômico dos estudantes foram obtidas as seguintes respostas: idade entre 14 ao 18 anos, sendo 56% com 15 anos, 24% 14 anos, 19% 16 anos e 1% com 18 anos; 80% mulheres e 20% homens; 82% estudantes de escolas públicas da rede estadual e federal, 12% em escolas públicas militares e 6% em escolas privadas; renda familiar: 58% em torno de três salários mínimos; 20% dois salários; 16% quatro salários e 6% acima de cinco salários mínimos; apenas 3% dos estudantes afirmaram que trabalham para contribuir com a renda da família. Portanto, os principais sujeitos da pesquisa foram adolescentes e jovens (14 a 16 anos), mulheres, estudantes de escola pública, com renda familiar média em torno de dois a três salários mínimos, nesse sentido, alunos da classe trabalhadora.

No que se refere as percepções dos sujeitos sobre a escola (o que gostam e o que mudariam) observou-se que 90% dos estudantes reconhecem a escola como espaço fundamental para sua formação e, sobretudo para a socialização com seus pares. Ao indicarem o que gostam na escola foram destacados: os amigos, os professores, o lanche, a possibilidade de contribuir com a gestão. Contudo, mudariam a forma de avaliar (muitas provas), as metodologias de ensino de alguns professores (“aulas pouco dinâmicas”), a estrutura física das escolas, o controle do diretor e da coordenação, o número grande de disciplinas. Verificou-se que, os jovens percebem a necessidade de mudanças no currículo, nas metodologias de ensino, na relação professor-aluno, na gestão da escola e na infraestrutura da escola. As respostas indicam que, para esses sujeitos em formação, os professores ainda continuam sendo referência para afirmar a qualidade ou não da escola, sendo considerado o “bom professor” aquele que tem um bom relacionamento com a turma e desenvolve uma metodologia de ensino diversificada (“dinâmica”).

Apesar de considerarem que o espaço da escola deveria ser mais atrativo, a escola é percebida como um *lôcus* importante para ter “sucesso na vida”, uma garantia de empregabilidade via inserção na universidade, preferencialmente a universidade pública. Quanto as suas expectativas em torno do ensino médio observou-se que, para 96% dos estudantes, o ensino médio é percebido como espaço quase que exclusivo para a entrada na universidade: “Eu espero que ele me prepare para os vestibulares” (Questionário 2); “Não deveria existir ensino médio deveríamos entrar logo na faculdade assim economizariamos

três anos” (Questionário 18). “Eu penso que o ensino médio tem de possibilitar um aprendizado para que a gente possa entrar em uma universidade federal” (Questionário 34).

A necessária entrada na universidade, reiterada pelos sujeitos da pesquisa, está diretamente ligada a preocupação com a inserção no mercado de trabalho. As respostas indicam que, a grande maioria dos estudantes, acreditam que a universidade vai prepará-los melhor para as exigências e os desafios do mercado. Assim, o ensino superior seria, na percepção e nas expectativas dos jovens, o caminho mais seguro para a empregabilidade e a garantia de prestígio social: “Hoje em dia só com um diploma de faculdade nas mãos a gente consegue arrumar um emprego melhor, por isso, a escola tem de retirar as materiais inúteis que não ajudam a fazer o ENEM” (Questionário 52).

O projeto de futuro delineado pelos estudantes perpassa pelo ensino superior, entretanto, não percebem a articulação entre o ensino médio e o mercado do trabalho. O sentido do ensino médio é a preparação para o futuro: a universidade. Assim, o ensino médio é compreendido, por esses jovens, como espaço importante para inserção na universidade e esta, por sua vez, o caminho para inserção no mercado de trabalho. Portanto, diferente do que prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei n. 9.394/1996, os estudantes não percebem que o ensino médio esteja voltado também à “[...] **preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando** [...]”. O ensino médio é percebido como um período necessário de travessia para universidade, essa percepção imediatista faz com que os jovens acreditem que a preparação para o ENEM e para os vestibulares é o que dá sentido e identidade a esta etapa da educação básica.

A crença dos jovens de que o sentido do ensino médio e a aprovação ou passagem para o ensino superior pode estar diretamente ligada a forma de organização e gestão do currículo do ensino médio seja na rede pública ou nas escolas privadas, como também na posição de professores, gestores educacionais, famílias, mídias em inculcar nos estudantes de que o sentido da formação no ensino médio é a boa classificação no ENEM ou a aprovação em vestibulares. Essa compreensão alimenta as polêmicas em torno da identidade do ensino médio no confronto entre a formação humana e o mercado de trabalho; a preparação para o trabalho e a cidadania política.

CONCLUSÕES

Em contraposição a lógica pragmática de que o sentido do ensino médio é a preparação técnica para o mercado de trabalho ou para universidade é importante buscar o

que de fato significa em termos políticos, pedagógicos e éticos essa etapa da educação básica, destinada a um sujeito que vivencia uma fase de ruptura e de reconstrução de sua identidade geracional, sexual, étnico-racial e política. Portanto, o ensino médio “[...] é uma etapa de formação não apenas intelectual-cognitiva, mas também um momento de construção de identidades e de pertencimentos a grupos distintos, de elaboração de projetos de vida, ainda que as condições e os percursos dos jovens sejam bastante distintos” (WELLER, 2015, p. 148). O fato é que, seja pela interferência do contexto econômico (interno e externo) ou pela demanda juvenil por melhores condições de empregabilidade ou por acesso ao ensino superior, o ensino médio brasileiro passa por novos e antigos desafios que revelam tensões e contradições de projetos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Brasília: Presidência da República, 2017.

FERRETI, C. J.; SILVA, M. R. *A Reforma do Ensino Médio no contexto da Medida Provisória n. 746/2016: Estado, Currículo e Disputas*. In: Educ. Soc., Campinas, v. 38, n. 139, p. 385-4004, abr.-jun., 2017.

FRIGOTTO, G. *Por que a urgência da reforma do ensino médio?* Educ. Soc., Campinas, v. 38, n. 139, p.355-372, abr.-jun., 2017.

GOMES, M. P. A reforma do ensino médio instituída pela lei 13.415/2017: dilemas e evidências. In: OLIVEIRA, J. F. *Políticas e práticas de formação dos docentes, dirigentes escolares. Planejamento, financiamento e avaliação da educação*. Recife: ANPAE, 2018.

KRAWCZYK, N. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R. Desafios da reflexão sociológica para análise do ensino médio no Brasil. In: KRAWCZYK, N. *Sociologia do Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2014.

WELLER, W. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.